

CIBERARTIVISMO E O CASO DA MENINA BEATRIZ¹

Jacqueline Dal Comune Klippel²

RESUMO

O ciberativismo, ou ativismo em rede, tornou-se popular com o advento de redes sociais, tais como Facebook e Twitter. Este é utilizado em prol das mais diversas causas e movimentos sociais. Após a divulgação do vídeo do estupro sofrido pela menina Beatriz por 33 homens após uma festa em uma comunidade carioca, movimentos feministas criaram o filtro “Eu luto pelo fim da cultura do estupro”, que foi adotado por mais de 700 mil pessoas³, entre elas algumas conhecidas, como o deputado federal Jean Wyllys e o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Tal assunto, outrora, ficaria restrito a discussões em bares ou, de fato, mobilizaria tantas pessoas a discutir a construção social dos gêneros? A comoção popular deu-se em virtude das redes? Este artigo visa esclarecer se as redes digitais contribuíram para a propalação do caso.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Ciberativismo; Movimentos Sociais; Cultura; Internet.

ABSTRACT

Cyber-activism, or network activism, has become popular with the advent of social networks such as Facebook and Twitter. This is used in favor of the most diverse causes and social

¹. Artigo apresentado ao **Eixo Temático Movimentos sociais / Ciberativismo / Resistência** do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

². Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), linha de pesquisa em “Processos Mediáticos e Comunicacionais”, e integrante do grupo de pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais (INCOM). E-mail: j.dalcomune@gmail.com

³. Segundo o desenvolvedor Twibbon, 756.386 pessoas aderiram à causa até o dia 30 de julho de 2016 através da mudança de suas fotos de perfil no Facebook e no Twitter.

movements. After the video of the rape suffered by the Beatriz girl by 33 men after a party in a community in Rio de Janeiro, feminist movements created the filter "I fight for the end of the rape culture", which was adopted by more than 700 thousand people¹, among them Some known, such as federal deputy Jean Wyllys and the mayor of Rio de Janeiro, Eduardo Paes. Would such a subject once be restricted to discussion in bars, or indeed would it mobilize so many people to discuss the social construction of genders? Was the popular commotion due to the networks? This article aims to clarify whether digital networks have contributed to the case.

KEYWORDS: Communication; Ciberativism; Social movements; Culture; Internet.

1. TERIA A REDE INFLUENCIADO NA DIMENSÃO DO CASO BEATRIZ?

No dia 23 de maio de 2016 as redes sociais de milhares de brasileiros – Facebook, Twitter e Instagram – foram tomadas por um vídeo amador no qual 33 homens mantinham relações sexuais com uma garota desacordada. A menina de apenas 16 anos, identificada como Beatriz, havia saído embriagada de uma festa em um morro carioca pouco antes do incidente. O estupro foi contestado por diversas pessoas devido à conduta moral da moça e à quantidade de álcool consumida naquela noite; para estes, a vítima teria motivado seus algozes. Na mesma semana, outra jovem, esta de 17 anos, sofreu um estupro coletivo por cinco homens, sendo quatro menores de idade, no estado do Piauí. Assim, outro assunto, mais complexo que o anterior, foi trazido à tona: a cultura do estupro.

Segundo os criadores do filtro “Eu luto pelo fim da cultura do estupro”, a cultura do estupro é a tendência a questionar e culpabilizar a vítima, além de relativizar violências de cunho sexual. No caso de Beatriz, ela se fez presente quando o ato foi refutado e tido por muitos como inverídico, ainda que o vídeo do crime demonstre o contrário. Com tal discussão, indaga-se de que modo o advento das mídias sociais contribuiu para a criação desse debate e como este migrou das ruas e corredores para o meio digital.

Para esta reflexão considera-se a premissa de que os hábitos sociais *online* são extensões dos hábitos sociais *offline*. Ou seja, não são os meios digitais que determinam o comportamento humano em rede, ao contrário, é o comportamento humano que determina o funcionamento das redes digitais. Carlos Eduardo Marquioni (2013), em artigo publicado na revista Geminis, afirma que “um dos principais riscos a que estão expostas as análises relacionadas ao uso de dispositivos tecnológicos é o de incorrer em determinismo tecnológico

[...]” (MARQUIONI, 2013, p.03). Embora o autor se referisse ao suposto distanciamento familiar decorrente do avanço da tecnologia e exposto em uma propaganda televisiva, o argumento ilustra bem o cuidado que deve ser inerente ao estudo de mídias digitais, afinal, ainda é comum encontrar pesquisas que afirmem que a realidade virtual é distinta da realidade física, utilizando termos como “ciberespaço”, “imersão em redes”, etc.

Em contrapartida, deve-se considerar também que um comentário virtual atinge uma gama maior de pessoas do que um comentário em uma roda de amigos. Isso porque a Internet torna a maior parte das informações nela disponibilizadas públicas e disponíveis.

As redes sociais, sites de relacionamento interpessoal que permitem que um indivíduo expresse suas opiniões para milhares de pessoas simultaneamente, têm papel fundamental neste cenário; foi através destas que o vídeo obsceno foi veiculado. Esse fato traz uma perspectiva curiosa: a necessidade cada vez maior de compartilhar detalhes da vida privada com o coletivo.

Derrick Kerckhove (2015) publicou um artigo na revista *Matrizes*, no qual relaciona as emoções humanas e a atividade em rede. Para ele, “a Internet tem uma dimensão emocional muito importante. As pessoas sentem cada vez mais necessidade de compartilhar detalhes pessoais, pensamentos, sentimentos e ideias com o resto do mundo como parte de suas vidas online” (KERCKHOVE, 2015, p.54).

Seria então um estímulo que levou os agressores a tornar pública uma prova contra si próprios? É este o mesmo estímulo que mobiliza diversos grupos em prol de uma causa? Certamente os meios digitais explicitam emoções humanas, todavia, não são capazes de criá-las. Uma pessoa, ao ter acesso à informação sobre o estupro coletivo, terá suas emoções exaltadas, porém estas já lhe são inerentes e foram apenas despertadas em decorrência do que lhe foi transmitido. Portanto, percebe-se que o ocorrido seria partilhado, talvez não em proporções tão grandes, ainda que a tecnologia utilizada para isso não estivesse disponível.

Assim, é ilógico afirmar que a tecnologia cria necessidades digitais de inclusão e compartilhamento. Existem registros de discussões públicas, similares às ocorridas em grupos de Facebook, desde a Grécia Antiga, quando filósofos e cidadãos gregos reuniam-se na *Ágora*⁴ para debater os rumos sociais e políticos da época.

⁴. Espaço público destinado à manifestação de cidadania por parte dos cidadãos atenienses.

Sócrates, em registros deixados por Platão, discutia seus ideais em praça pública e a repercussão de seus questionamentos foi tamanha que, mesmo após milênios, estes ainda são difundidos e analisados, não apenas por filósofos, mas também por pessoas leigas. Assim sendo, mesmo sem o advento da tecnologia, Sócrates – e todos os que vieram a seguir – conseguiram estabelecer suas crenças e ideias entre diversas gerações e diversos continentes.

Podemos entender então que a Internet é um meio utilizado para difundir o que antes estaria restrito a uma localidade física específica, assim como também são o rádio e a televisão. Em uma breve figuração de linguagem, podemos compará-la a um megafone, cujo uso é capaz de ampliar a voz do transmissor da mensagem e, conseqüentemente, os efeitos do que é transmitido.

Manuel Castells (2003), em seu livro “A galáxia da Internet”, acertadamente afirma que “a Internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global” (CASTELLS, 2003, p.08). Tal declaração resume como o caso Beatriz gerou tamanho engajamento e comoção popular: muitas pessoas, de distintas regiões do país, passaram a tratar e debater o mesmo assunto, crendo assim que tal debate, talvez, mudasse – ou não – o imaginário coletivo acerca da cultura do estupro.

Assim, o ativismo contrário ao estupro foi modificado devido à sua repercussão em mídias digitais, ganhando mais críticos, adeptos e, principalmente, visibilidade. Este, que poderia ser realizado de modos diferentes em tempos diferentes em cada localização geográfica, foi unificado e recebeu uma identidade única, aumentando seu impacto nos meios *online* e *offline*. Do mesmo modo, a cultura digital foi alterada pela dinâmica de seus usuários, os quais passaram a determinar os temas e assuntos a serem abordados. Conforme alegou Castells (2003, p.10):

A comunicação consciente (linguagem humana) é o que faz a especificidade biológica da espécie humana. Como nossa prática é baseada na comunicação, e a internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia da comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria Internet.

Ora, se a Internet, então, contribuiu para a transformação da comunicação, fazendo-a evoluir de “um para todos” para “todos para todos”, esta não seria capaz de alterar a sociedade e, assim, não se estaria perante um determinismo tecnológico? De modo algum. A Internet é a ferramenta utilizada para que as próprias pessoas alterem suas formas comunicacionais. Percebe-se, dessarte, que a comunicação humana modificou a forma e o conteúdo da Internet,

não o oposto. “Os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos. A produção social é estruturada culturalmente. A Internet não é exceção. A cultura dos produtores da Internet moldou o meio” (CASTELLS, 2003, p.34).

Desta maneira, contraria-se o que foi dito por Marshall McLuhan (1977), quando este, em sua obra “A galáxia de Gutemberg”, afirmou que “ambientes tecnológicos não são recipientes puramente passivos de pessoas mas ativos processos que remodelam pessoas e igualmente outras tecnologias” (MCLUHAN, 1977, p.15). Se assim fosse, os ativismos em rede de nada serviriam, pois, a própria rede determinaria o comportamento de seus usuários, tirando-lhes o poder de escolha sobre o que debater e quando fazê-lo.

O universo online, o qual, ressalta-se, não é um espaço físico, é, portanto, a dimensão em que seres humanos abrigam suas convicções políticas, sociais, religiosas, étnicas, culturais etc., e onde estas convergem e dialogam entre si. Existe em virtude destes e é modificado por estes. Assim, entende-se a afirmação de Kerckhove (2015): “O mundo online funciona como um sistema de integração de impulsos, desejos e frustrações que se move na velocidade da luz” (KERCKHOVE. 2015, p.54).

O caso Beatriz, não fosse divulgado nas mídias digitais, teria tomado, à vista disso, proporções regionais e a situação seria debatida somente por grupos específicos, tais como a família da moça, seus vizinhos, os agressores, os círculos de amigos de ambos e as autoridades competentes para julgar a situação. Talvez não tivesse sido acendida a discussão sobre a cultura do estupro, visto que esta só foi manifesta nos comentários em rede que questionaram a conduta da vítima.

2. UMA CULTURA DE ATIVISMOS EM REDE

A cultura do estupro seria a tendência de todo o conjunto social a desacreditar a vítima e culpabilizá-la de alguma forma. O termo, cunhado por grupos feministas na década de 1970, propõe choque. A palavra “estupro”, cujo significado é terrível e assustador para a maior parte das mulheres, diz respeito a um crime de barbaridade sem tamanho. Todavia, a cultura do estupro não pressupõe o ato libidinoso em si, apenas. Ela pode estar inserida em situações corriqueiras, como cantadas na rua, assédio no transporte coletivo, mensagens obscenas não solicitadas etc. O estupro coletivo da jovem Beatriz evidenciou, segundo ativistas, como o delito masculino é justificado ante a sociedade que prefere culpar a vítima pelo horário, pelo comprimento da roupa, pelo abuso de álcool e pela quantidade de parceiros sexuais anteriores.

Portanto, a cultura do estupro evidencia um comportamento adotado por toda a sociedade, em maior ou menor grau, em diversas regiões do globo terrestre.

Pierre Bourdieu (2002), em seu estudo “A dominação masculina” afirma que estamos inseridos em uma sociedade androcêntrica, ou seja, que pressupõe a superioridade de um gênero, enquanto o outro é subjugado. Enquanto homens são vistos como fortes e viris, mulheres são tidas como frágeis e incapazes. Os corpos de alguns indivíduos são hipersexualizados com naturalidade, outros não. Tal constatação comprova a existência da cultura do estupro, na qual o eros masculino exerce poder sobre o eros feminino.

Tal contexto, segundo o autor, está tão enraizado no inconsciente coletivo social que, quando algum grupo ou indivíduo tenta alterá-lo, logo tem seu discurso silenciado. Para Bourdieu (2002, p.32):

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.

O termo “cultura” diz respeito a uma gama de comportamentos, crenças e ideologias adotada por um grupo de pessoas com hábitos comuns, podendo referir-se a famílias, tribos, religiosos, nacionalistas ou, de certo modo, a sociedade em geral. Segundo Raymond Williams (1969), a “cultura significava um estado ou hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida” (WILLIAMS, 1969, p.20).

Partindo da perspectiva de que a cultura representaria, também, um modo de vida, pode-se pressupor a existência de uma cultura de ativismos em rede? Sabe-se que toda a cultura se refere às características e à própria identidade de um povo. Qual seria o povo que faz uso da World Wide Web⁵?

Raymond Williams (1958), afirma que a cultura é inerente a toda a sociedade humana e pode ser entendida através de dois aspectos: os rumos e significados comuns a todos os seus membros e os novos significados aprendidos que por estes são ou não validados. Ou seja: para o autor, a cultura é composta do saber já existente e do processo de ciência do saber futuro. Este cita, ainda, um terceiro significado para o termo, referindo-se à arrogância adquirida por muitos indivíduos que consideram sua própria cultura um “bem imaterial”, elevando-a a um patamar superior ao das demais culturas existentes.

⁵. Sistema de documentos em hipermídia que integram a parte mais utilizada da Internet. Refere-se ao “www”.

Sendo a cultura o conjunto dos saberes e aprendizados de um povo, qual seria o povo da Internet? Teria este uma identidade unificada? É nítido que não há como atribuir características unas pertencentes aos usuários das mídias digitais. Conforme visto anteriormente, a Internet não é um espaço físico, mas sim uma rede que interliga diversos espaços físicos entre si.

Porém, antes que creia-se que não há a possibilidade de unificar um “povo da Internet”, deve-se atentar à diferenciação entre “lugar” e “espaço” proposta por Stuart Hall (2006) na obra “A identidade cultural na pós-modernidade”. O autor elucida que, outrora sinônimos entre si, “espaço” e “lugar” hoje são expressões distintas, graças ao avanço tecnológico das últimas décadas. “Os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes. Entretanto, o espaço pode ser ‘cruzado’ num piscar de olhos” (HALL, 2006, p.72-73). Percebe-se que, na perspectiva do escritor, o espaço seria o distanciamento entre transmissores e receptores de uma mensagem, o qual foi encurtado – ou extinto – através das mídias digitais.

Portanto, ainda que a Internet não seja um espaço físico, ou um lugar conforme a terminologia de Hall (2006), esta ainda pressupõe uma identidade característica a seus usuários, pois estes, de certa forma, estão inseridos em um espaço-tempo simbólico. Contudo, sabe-se que tal identidade não é facilmente identificada, visto que as peculiaridades de cada indivíduo que frui o digital são relativas às suas pátrias e demais grupos sociais. Para esclarecer tal situação, Hall (2006) explica que, como a sociedade está inserida em um ambiente globalizado, estimulado, principalmente, pelo capitalismo, os fluxos culturais interagem entre si, criando o que o autor chama de “identidades partilhadas”.

Percebe-se, assim, que a identidade dos usuários de Internet é una, embora cada um tenha peculiaridades e especificidades, afinal, a identidade global tornou-se una. O estupro coletivo ocorrido na cidade do Rio de Janeiro repercutiu entre todas as regiões do país e foi noticiado, até mesmo, em outros países. Desta forma, todos os que obtiveram informações acerca do caso Beatriz, conquanto separados fisicamente, partilharam uma identidade de revolta, seja com os agressores, seja com a moça.

Se existe a identidade una entre os membros da Internet, apesar de seus distanciamentos geográficos, existem características inerentes à cultura digital? Para Manuel Castells (2003), a cultura da Internet divide-se em quatro camadas: tecnomeritocrática,

hacker, empresarial e comunitária virtual, sendo esta última a que diz respeito à criação do filtro “Eu luto pelo fim da cultura do estupro”.

Castells (2003), explana, então, sobre a cultura virtual, a qual, dentre seus muitos aspectos, visa também o aspecto social, conforme os ciberativismos. Para este, “a cultura virtual comunitária acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de interação simbiótica” (CASTELLS, 2003, p.34-35).

A cultura da Internet, expressa pelas redes sociais, especialmente, permite que seus usuários exponham suas ideias sem a interferência de editores ou censores, ultrapassando barreiras sociais e físicas. Na rede, um intelectual com os mais diversos títulos tem a mesma voz que aquele que não teve acesso a um ensino de qualidade. Famosos e anônimos partilham e divergem entre si. Defensores e acusadores de vítimas de estupro encontram-se, tendo, ambos, o mesmo espaço de fala. Todos podem divulgar a informação que lhes é interessante e, na ausência desta, são capazes de criar o conteúdo a ser veiculado. Tal liberdade não era possível em nenhuma mídia anterior.

Conforme Castells (2003, p.49):

[...] embora extremamente diversa em seu conteúdo, a fonte comunitária da Internet a caracteriza de fato como um meio tecnológico para a comunicação horizontal e uma nova forma de livre expressão. Assenta também as bases para a formação autônoma de redes como um instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado.

Com a comunicação horizontal que permite o diálogo de todos para todos, conforme visto anteriormente, as redes sociais proporcionaram maior visibilidade ao caso Beatriz, tornando público o debate sobre a culpabilização da vítima.

Mas por que o caso de Beatriz? O crime de estupro é ainda comum no Brasil, tendo diversas histórias e relatos prontos para análise e discussão. O caso, obviamente, possui algumas singularidades, como o vídeo postado na rede e o grande número de agressores. Porém, Beatriz tornou-se uma personagem meramente ilustrativa para algo que, cedo ou tarde, seria debatido, independente do crime ocorrido.

Toda a cultura inserida em um ambiente capitalista terá viés mercadológico. A cultura da internet, mesmo a com perspectivas sociais, não foge à regra. Toda a tentativa reacionária será incorporada pelo sistema econômico vigente. De tal modo, ressalta-se também os efeitos lucrativos da campanha em prol da moça Beatriz, sendo que o filtro foi utilizado como

símbolo de luta social por empresas privadas, meios de comunicação e políticos, dando maior visibilidade a estes e suas estratégias publicitárias do que ao combate efetivo à cultura do estupro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se, assim, que comportamentos humanos não são alterados devido ao uso das redes. O caso Beatriz não gerou comoção em decorrência da tecnologia de partilhamento de informação existente. Porém, o uso desta modifica, de fato, a dimensão da comunicação humana.

O que, até então, era compartilhado de modo “um para todos” passou a ser compartilhado de “todos para todos” em uma comunicação horizontal, onde todos produzem e todos recebem a informação.

O universo online, o qual não se trata de um universo físico, mas sim de um universo simbólico, permite que pessoas comuns tenham suas vozes igualadas às de pessoas com maior influência social. A opinião que antes ficaria restrita a conversas esporádicas entre grupos de amigos, agora é exposta para pessoas de todas as partes do mundo, indo além de muralhas sociais e geográficas. Tal possibilidade de interação unificou movimentos contrários à cultura do estupro de diversas localidades, unificando-os e atribuindo-lhes identidade própria.

Embora o termo cultura faça sentido em comunidades espaciais, cujos membros possuem semelhanças comportamentais e físicas, esta também pode ser empregada em relação às mídias digitais. Em virtude da globalização, atribui-se uma identidade partilhada entre os usuários da Internet, pois as pessoas que a utilizam trocam entre si ideias, crenças, hábitos e costumes.

Deste modo, percebe-se que a cultura comunitária virtual contribuiu para a propagação dos relatos do abuso sofrido por Beatriz e pela dimensão que tal caso tomou. São as trocas culturais em meios digitais que proporcionaram o debate entre militantes que expõe a cultura do estupro e aqueles que não acreditam em sua existência, preferindo culpar a vítima pelos crimes ocorridos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KERCKHOVE, Derrick. **Matrizes**. E-motividade: o impacto social da internet como um sistema límbico. V.9 N1. São Paulo: 2015.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. **Geminis**. Quando a TV vai além da sala de estar: Por uma análise cultural dos usos de novos dispositivos tecnológicos. São Carlos: 2013.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutemberg**. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

TWIBBON. **Eu luto pelo fim da cultura do estupro**. 2016. Disponível em: <http://twibbon.com/support/fim-da-cultura-do-estupro?fb_ref=Default>. Acesso em: 30/07/2016.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos**. 1958. Tradução por Maria Elisa Cevasco, Departamento de Letras, USP.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.